

EVENTOS DEFORMACIONAIS DO NEOPROTEROZÓICO AO NEÓGENO E A TECTÔNICA RESSURGENTE NO TERRITÓRIO PARANAENSE

Eduardo Salamuni¹; Alberto Pio Fiori¹

¹UFPR

RESUMO: A área estudada abrange o leste do Paraná e incorpora grandes unidades crono-estratigráficas locais. Foi analisado o Cinturão de Cisalhamento Paraíba do Sul na região de Ribeira-Apiá e seu entorno - Serra do Mar e a Bacia do Paraná, incluindo os derrames da Formação Serra Geral. A ausência de datação dos tectonitos não impediu, graças às idades dos maciços, a inferência da cronologia relativa dos eventos de deformação. Registros heterogêneos descontínuos mostram que as fases mais novas podem, de forma antagônica, ou obliterar estruturas anteriores ou, dependendo da geometria, provocar sua ressurgência. Após o diastrofismo que possibilitou a geração das bacias Setuva e Agungui entre o Eo e o Mesoproterozóico, o fechamento e a inversão dessas bacias ocorreram no Neoproterozóico, devido à paleotensão compressional de direção NW-SE. Trata-se de cisalhamento simples, caracterizado por estruturas planares dúcteis de baixo ângulo, denominado de Sistema de Cavalcamento Açungui que evoluiu para cisalhamento puro, gerando dobras de vários estilos. Na sequência, a tensão foi aliviada por regime transcorrente gerando estruturas rúpteis-dúcteis superimpostas, dextróginas e que recortaram estruturas do sistema pretérito. Nesse evento - Sistema de Transcorrência Lancinha - a paleotensão estaria na direção WNW-ESE, gerando famílias de fraturas compatíveis com o modelo de Riedel. As falhas direcionais foram, em grande parte, reativadas a partir do Neoproterozóico até o início do Neógeno. Assim, como resultado da própria movimentação no interior da placa Sulamericana, falhas transcorrentes, transtracionais ou transpressionais, serviram como planos de alívio de tensão. Já no Eopaleozóico um significativo alívio de tensão, posterior à colisão do Terreno Paranaguá, originou pequenas bacias molássicas. Na sequência instalou-se paleotensão vertical e tração no eixo WNW-ESSE, que gera o rifte precursor da Bacia do Paraná. Durante o Permiano, processos ligados à orogenia La Ventana, reativaram falhas transcorrentes pré-existentes na bacia, além de gerarem novos planos com cinemática sinistrógin. Posteriormente, fenômenos ligados à reativação sul-atlantiana provocaram a tafrogênese que resultou na formação de bacias sedimentares na plataforma e na porção emersa. No território paranaense, o alívio dado pelo megafraturamento se deu na direção NW-SE, com eixo maior de tensão a NE-SW. Iniciado o Mesozóico, eventos diastróficos entre o Triássico e o Jurássico tracionaram a crosta na direção NE-SW, com estiramento da ordem de 15 km. Isto gerou o grande eixo NW-SE, precursor de um pré-rifte que não evoluiu, porém permitiu a intrusão do enxame de diques básicos do Sistema Magmático Serra Geral que, associado ao arqueamento suave da crosta, é denominado de Arco de Ponta Grossa. Diques e corpos alcalinos falhados mostram que houve deformação entre o Meso e o Neocretáceo, com paleotensão NNE-SSW e reativação sinistrógin das falhas transcorrentes de direção NE-SW. Por outro lado, ao longo do Cenozóico, um evento de tração no Paleógeno possibilitou a instalação das bacias, como a Bacia de Curitiba, ao longo do Rifte Continental. Esse alívio foi rapidamente substituído por compressão N-S ou NNE-SSW que provocou reativação sinistrógin em estruturas NE-SW e dextrógin

em planos NW-SE. No presente, tais bacias estão em processo de deformação devido à compressão generalizada da Placa Sulamericana.

Palavras chaves: MEGAESTRUTURAS, REATIVAÇÃO, TECTÔNICA, CINTURÃO PARAÍBA DO SUL.